ALVARO MAIA

IMPERIALISMO

E

SEPARATISMO

THESE de concurso para provimento da cadeira de Instrucção Moral e Civica

DO

GYMNASIO AMASONENSE PEDRO II

(Artigo 153, Decreto Federal n.º 16.782-A, de 13 de Janeiro de 1925)

1926
ARMAZENS PALACIO REAL
MANAOS

ALVARO MAIA

IMPERIALISMO

E

SEPARATISMO

THESE de concurso para provimento da cadeira
de Instrucção Moral e Civica

DO

GYMNASIO AMASONENSE PEDRO II

(Artigo 153, Decreto Federal n.º 16.782-A, de 13 de Janeiro de 1925)

1926
Armazens PALACIO REAL
MANAOS

A inclusão da cadeira de Instrucção Moral e Civica no curso secundario, (art. 47, Decr. nº. 16.782 A, de 13 de Janeiro de 1925), somente agora verificada, representa uma das mais nobres deliberações do governo federal, amparando a juventude ao ministrar-lhe ensinamentos necessarios para conhecer e amar o paiz onde nasceu e vae desenvolver as suas energias. Nas escolas primarias dos Estados, e até mesmo na Escola Normal do Districto Federal, eram ensinados preceitos de moral e civismo, como complemento da Pedagogia, sem que formassem um curso especialisado.

Ora, essas noções rudimentares deixavam apenas um rastilho na alma da creança, que, muitos annos após, na continuação dos estudos e com perfeitos mestres, viria perceber a claridade misericordiosa e a flamma de enthusiasmo que lhe foram escondidas no periodo escolar.

As gerações actuaes cresceram sem educação civica em sua expressão real: não se enquadram nesse programma as ligeiras dissertações dos professores nos gráos elementares de ensino. «Sem educação civica um estado não pode manter-se. Falta-lhe o estimulo para iniciar a reforma de mil velharias que o acabrunham, e o alheamento que o povo manifesta pelos negocios publicos é a abdicação plena de todos os seus direitos e mais ainda o esquecimento de sacratissimos deveres». [1].

O cuidado pela educação civica da creança vem desde os gregos e romanos: «exercitavam-lhes o corpo para as carreiras da guerra mediante exercicios physicos, e ensinavam-nas a pensar e a fallar, adestrando-as assim para as discussões publicas». [2].

Numa Droz, que escreveu essas palavras, accrescenta: «o estabelecimento da igualdade dos homens tornou mais

---

[1] – Antonio Leitão—"Elementos de Pedagogia», 7.a edição, pg. 92.
[2]—Numa Droz—"Manual de Instrucção Civica", pg. 3-7.

necessaria a instrucção civica, "remate dos estudos da mocidade". ([1]). Adoptaram-na todos os paizes do mundo, em epocas variadas, sendo que a França a introduziu nos programmas após a grande Revolução. Devidamente regulamentada, surge no Brasil pela primeira vez, em caracter geral, por uma necessidade intransferivel: materia bastante para um curso especialisado, ha-de ser assim considerada em todo o paiz e separar-se fatalmente dos programmas de Pedagogia, nas escolas normaes, onde essa importante cadeira corôa o curso, leccionada no terceiro e quarto annos. Ora, ao estudar a Pedagogia, que "ensina a ensinar", já o alumno, mestre de amanhã, deve conhecer Instrucção Moral e Civica. E tanto é assim que, em varios compendios Pedagogicos, ha, na methodologia, partes especiaes sobre o modo por que se deve ensinar moral e civismo — afastar sempre «tudo o que fôr transcendente e philosophico, pôr de lado discussões scientificas sobre o bem e o mal, e limitar-se áquelles principios que formam o coração do homem honesto. As lições devem ter um caracter essencialmente pratico e apresentar-se mais sob a fórma de contos, cuja conclusão o proprio alumno saberá deduzir". ([2])

Na organisação dos programmas, não devem os professores esquecer a historia, nos feitos que firam a imaginação á primeira vista, de modo a suscitar a emoção na alma da creança, nem tampouco os pontos principaes de moral. Os pauperrimos compendios existentes, traçados atabalhoadamente, com fim mercantil, esquecem que o Brasil é uma nação do futuro e, sob essas bases, é mister formar o espirito das gerações novas, dando-lhes lições de crença e vigor. Em todos, que hei lido, occupam primeira plana rudimentos de historia, de moral, sem factos elucidativos, aridos capitulos de direito constitucional, falhos dessas inspirações de fé que possam incutir na creança a consciencia das obrigações perante a patria. As lições, pondo em relevo as nossas

([1]) — Antonio Leitão — "Elementos de Pedagogia", pg. 91.
([2]) — Idem, idem, pg. 91.

principaes conquistas, devem mostrar o Brasil em suas necessidades contemporaneas, sem esse pessimismo doentio que vinha lavrando em nossa mentalidade, especie de virus devorador que partia da minoria letrada para a maioria ignorante. O programma luminoso, approvado para o Collegio Pedro II, tem, em vinte pontos, apenas tres com referencias directas ao Brasil, occupando-se dezesete com o estudo do homem sob o aspecto moral e civico, desde Aristoteles até os nossos dias: primeiramente como um ser perfeitissimo, composto de espirito e materia; depois na sociedade e na patria, e, emfim, na humanidade, entre "seus genios, seus heróes e seus bemfeitores". Formam, como se vê uma synthese admiravel do homem sob o aspecto geral; mas o Brasil e o brasileiro são estudados nos tres pontos restantes, atravez de feitos historicos, na grandeza physica presente. Não se cogita do futuro, do que se deve dizer á juventude, do caminho a seguir, das difficuldades a vencer, afim de que a raça possa realisar, na fusão de seus elementos, a sua finalidade na terra. Responder-se-á que os estudantes, sorvendo os ensinamentos do passado, no culto dos grandes homens, proferidos aula por aula, hão-de ser bons cidadãos. Nem sempre. Serão melhores ao aculeo de regras especialissimas, que lhes fiquem embutidas no pensamento por vocabulos impressivos, raramente esqueciveis. "O Brasil nem é presente. O que ha no Brasil, em comparação com o que poderia haver, me parece ridiculo. Para o Brasil só ha e só deve haver futuro... A experiencia da vida intensa e o proprio espectaculo da creação de realidades imaginadas suggerirão aos nossos poetas, aos nossos escriptores, aos nossos pensadores, aos nossos philosophos, as obras novas dignas de um mundo novo, as idéas vivas, dignas de uma vida nova. Então, o Brasil será o Brasil. Por emquanto, começamos apenas a balbuciar. Quem disto apenas se contenta e pensa que é grito, voz do Brasil, e disto com fingido optimismo ou gorda hypocrisia blasona, bem pouco digno me parece desta patria». ([1]).

([1])—Gilberto Amado —Discurso sobre Tavares Bastos". "A Noite" —21—12—1922.

É natural, portanto, que, na pregação de principios civicos e moraes, não esqueçamos de exortar a mocidade á pratica inflexivel de actos que impeçam a desvirtuação do paiz e dêm á raça, ainda em crescimento, as forças latentes, que lhe conservem a unidade e a belleza. Nesses thabores educativos, que a clarividencia do governo federal acaba de construir nos estabelecimentos secundarios, deve ser assim traçado o programma de ensino, com ardor e enthusiasmo. A falta de civismo no homem, creança ou velho, é tão grande, e maior ás vezes, que a falta de moral.

Póde-se dizer que, em determinados casos, se torna mais repellente, imperdoavel, acompanhando o individuo como o gilvaz de um ferrete esbraseado. Haja vista o cobarde, o que ficou surdo ao appello da patria, na guerra ou na paz, pela traição ou fugindo ao serviço militar, incidindo sempre em villanía. Num paiz culto, habitado por um povo pundonoroso, o amoral ainda pode rehabilitar-se pela pratica de acções puras. O trahidor ha-de marchar ao acicate da consciencia, esporeado pela lei, emquanto á sua passagem, como na idade média áquelles que traziam papulas de lepra, todas as portas se trancam, todos os risos congelam as boccas,—expulsando-o para longe da communidade.

*
* *

Após sessenta e sete annos de monarchia, o Brasil acceitava a Republica sem luctas, descontentando uma culta minoria, que, em falta de melhores armas, começou a combater cruelmente o novo regimen pelo livro e pelo jornal, que diffundiam idéas destruidoras da capital aos sertões. Emquanto isto succedia, as autoridades occupavam-se em fazer leis, fundir partidos, reprimir rebelliões, democratisando o paiz. Durante varios annos, muitos dirigentes nos estados, exactamente os que estavam em contacto diario com as camadas populares, sustentavam os principios bebidos na infancia e, apenas por um dever, cumpriam mechanicamente o seu dever.

Os venerandos vultos do imperio, aposentados pela «força das circumstancias», satyrisavam o governo e as instituições, que, sob esse ponto de vista, ficavam sem defesa, ridicularisadas perante as multidões. A juventude brasileira de então, embora respeitosa ante as novas leis, não poderia fugir ao veneno instillado em doses, dia a dia, sem antidotos que o neutralisassem, e teria de ceder ao pessimismo e á descrença, desorganisando o espirito de resistencia preciso á nacionalidade. O espectaculo da destruição é sempre mais bello para as massas que o da reconstrucção.

Emquanto os principaes vultos do governo provisorio, tanto no executivo como no legislativo, transformavam e remodelavam, vigilos e incansaveis, os do velho regimen, todos de levantada mentalidade, gritavam contra a Republica, acompanhando com interesse os successos de Custodio de Mello e Saldanha da Gama e, annos após, os rebeldes do sertão bahiano, cuja temeridade procedia apenas do fanatismo desvairado.

Longe o pensamento de censurar a attitude dos defensores da monarchia, que luctavam com idéas, no exercicio de um direito. Quero dizer simplesmente que a lava, estendendo-se montanha abaixo, sem encontrar obices, viria queimar fatalmente as gerações novas, que ainda vinham no sopé, de olhos postos nas encostas superiores, de onde falavam os titans com a eloquencia do odio, a respeitabilidade da honra e dos cabellos brancos.

As idéas combativas, partindo de gargantas de ouro, infiltraram na alma brasileira uma rajada de desanimo, durante trinta annos, insufladas e fortificadas pelos erros dos governos republicanos, alguns verdadeiramente sem direito a essa designação, taes os prejuizos causados ao paiz.

Esse enfraquecimento produziu o marasmo e chegou mesmo a relaxar a noção de patria no brasileiro. Quando os pregadores desappareceram por effeitos de idade, já os sermonarios haviam produzido a deliquescencia.

Houve, então, um protesto reaccionario, e foi quando, atravez de livros, os nossos homens provaram que, ao lado

da lingua, da historia e da religião, correntes de aperfeiçoamento, havia necessidade de sorteio militar, da instrucção civica, da educação da mocidade por nórmas independentes, vertendo-lhe na alma o amôr pelo Brasil, desdobrado em trabalho, iniciativa e acção. Forçoso era modificar as tendencias nacionaes para um diverso conceito da vida, apagando o «arrivismo», que provinha do desacerto de alguns quatriennios republicanos e daquella propaganda subtil, em que, prejudicando os homens de 1889, se prejudicava o Brasil no proprio seio e no estrangeiro. Ouviu-se que o sorteio militar não era reclamado apenas para a defesa da patria, mas para combater o desatino e redimir a raça. Nas escolas, «hostia de energias e estudos» (Bilac), nos quarteis, nos navios de guerra, a palavra de salvação foi ouvida pelas creanças, pelo soldado, pela marujada.

Catecismos patrioticos surgiram em impetuoso encanto; fundaram-se ligas de escoteirismo; imaginaram-se associações de defesa nacional; obrigou-se o moço a olhar para a farda e a mulher a voltar ainda mais as vistas para o lar. E, coroando essa reconstrucção ingente, os sociologos bradaram que, instruindo e apostolando a infancia, a nacionalidade poderia fugir á inercia e tornar-se original pela renovação cultural. Na exérese do organismo, que se impaludara de tanta desmoralisação, os cirurgiões esqueceram de que só o tempo arrancaria os restos gafentos, que ficaram de tantos annos de campanha desnacionalisadora. O tempo e a persistencia no mesmo assumpto, em acção inninterrupta, abreviam o milagre, a começar pela infancia, pelos entes que andam ainda a sorrir pelas escolas e pelos sertões, conhecendo a patria na symphonia dos canticos collegiaes, ou em um pedaço de ceu ou trecho de matta. A prova dessa necessidade, temol-a nós mesmos nas idéas que ainda assolam a nossa gente.

Urge incutir-lhes pensamentos que lhes modele o espirito por uma radiosa coragem e uma fé radiosa, de modo que venham a ter confiança no Brasil. Porque, ainda agora, todos proclamam a nossa grandeza, reconhecem as passagens admiraveis da historia, clarinam a resistencia da raça,

curvando-se ao genio inventivo e á intelligencia assimiladora do povo, mas estão convencidos, e dizem-no em voz alta, que os nossos professores e os nossos juizes, as nossas autoridades não cumprem a lei, e invariavelmente appellam para o futuro, com um triste fatalismo oriental. O'ra, para não falar no inglez e no americano, basta citar o exemplo de nações menores, como a Bolivia e Portugal, cujos subditos têm convicção na realidade dos seus governantes. O ludibrio de grandes principios liberaes, assegurados pela constituição, tem contribuindo para esse descuido, que envolve, no mesmo abraço peguinhento, o velho e a creança. A liberdade do voto, a representação das minorias, a victoria da honestidade e da competencia, o respeito ao pensamento livre, são os pontos principaes violados até agora, em cuja verdade poucos homens ingenuos acreditam. Ao preleccionar interinamente esta cadeira, notava, quando discorria sobre o voto como força seleccionadora das democracias, que um ligeiro sorriso de mofa se escondia nos labios dos alumnos maiores, de treze e quatorze annos, e que os seus olhos, vivos e buliçosos, me desmentiam.

E, de certa fórma, o alumno recebia phrases de civismo com desconfiança, mais ou menos certo de que aquellas lições, na parte referente á Constituição, não tinham efficiencia na pratica. Contra esse marasmo, que tem, na infancia, a insidia de um treponema inoculado no sangue, com effeitos perniciosos em annos avançados, é necessario luctar, mostrando a verdade daquelles principios: assim pensaram os homens que os formularam, assim pensam os verdadeiros amigos de seu paiz. De outro modo, os ensinamentos da nova cathedra não produzirão os resultados previstos: ha maiores lucros em explicar á mocidade os direitos do cidadão brasileiro, a nórma com que deve servir á nação, do que desperdiçar horas em conferencias sobre a evolução da moral entre gregos e romanos. O alumno aprende, em aula, que 2+2 são 4; que se descobriu o Brasil em 1500; que uma linha recta é o caminho mais curto entre dois pontos dados; que ha genero masculino e feminino; que o cidadão é livre em seu

voto, e, mesmo funccionario publico estadual, não será perseguido ao recusal-o a um candidato menos digno. Na pratica, esse alumno vê que são incontestaveis as affirmativas sobre a arithmetica, a historia e a grammatica; sobre o voto do cidadão, esse menino, que lê os jornaes e ouve os commentarios de casa e rua, verifica a falsidade...

Não é imperdoavel, na organisação de um programma de ensino, deixar á margem todos esses factos?

* * *

Reagir áquelles trinta annos de fria demolição, pelos factores apontados, é dever dos que tem a consciencia da patria, e, com esse intuito nobre, será abençoado o esforço de quantos, pelo posto occupado, tenham responsabilidade na educação. Escrevamos livros de energia e de mocidade, em que se substituam os dithyrambos pelos mandamentos da coragem e da fé; tornemos obrigatorio o escoteirismo, pelo qual a creança, em contacto com a natureza, aprenda realmente, pela emulação e pelo exemplo, a ser forte, a nutrir principios sãos de hygiene e de alma; ensinemos a historia, tirando a deducção do passado para applicar ao presente. Os guiões da juventude nestes ultimos tempos — Olavo Bilac, Pedro Lessa, Coelho Netto — davam-se ás mãos, festejando a passagem do exercito novo, que a lei do sorteio militar arrastara dos lares ás casernas, disciplinando o povo para os verdadeiros fins da nacionalidade. Enthusiasticas foram as palavras que lhes jorraram dos labios, radiantes por não se darem insubmissões: a lei do sorteio militar, efficiente e victoriosa, garantia no Brasil as forças armadas, de accordo com os ensinamentos modernos, e serviria como um élo de união entre todas as cidades, todos os sertões todos os rios do paiz.

Devido á propaganda incessante, ella surgiu aos olhos dos brasileiros como um mandamento sagrado, a que ninguem poderia fugir sem cobrir o rosto de vergonha para sempre.

No Amazonas, ha factos que attestam essa affirmativa: caboclos incultos, trabalhando heroicamente em castanhaes longinquos, de impenetravel accesso, sabiam, por uma carta, que haviam sido contemplados na lista do sorteio militar. E esses caboclos, engenheiros sombrios da selva, guiando-se pelo sol e pelas estrellas, que poderiam zombar da captura em caso de rebeldia, — esses miseros caboclos abandonavam os barrancos, remavam mezes atravez de charcos e soalheiras, e vinham apresentar-se ao chamado. Mercê de Deus, ainda permanecem nesse proposito. Mas não succede assim no resto do paiz. Em fins do anno transacto, somente no Districto Federal, Estados do Rio e Espirito Santo, cujos transportes são facillimos, deixaram de comparecer á voz da patria vinte mil homens. ([1])

Vinte mil moços refractarios ao serviço militar, surdos a esse dever, indifferentes aos meandros dos processos, ás consequencias provindas da felonia! Ha notar que residem nas visinhanças e dentro de grandes centros de cultura, de onde recebem lições palpitantes sobre as responsabilidades para com o Brasil.

Esse facto, noticiado seccamente, em poucas linhas, ha-de ter sacudido os nossos governantes, sociologos e pensadores num frio de pavor e de tristeza, e todos hão-de interrogar que futuro nos reserva o destino com uma geração, que, em seu seio, contem elementos dessa ordem, cobardes e desfibrados, preferindo a traição ao dever, a miseria á honra, sem obediencia ás leis, sem amôr ao solo nativo. Emquanto o nortista abandona os castanhaes, onde ainda trabalhava pela patria, desvirginando inconscientemente, pelas necessidades da vida, regiões bravias, nunca vistas pelo homem;

([1])—"A Noite"—Rio, de 21 de Novembro de 1925. "Attinge a 20 mil o numero de insubmissos".

"Devem ser remettidos dentro em breve, á Auditoria da Sexta Circumscripção Judiciaria Militar, do Exercito, cerca de vinte mil termos de insubmissão de sorteados do Districto Federal, Estado do Rio e Estado do Espirito Santo, que deixaram de se apresentar na epoca fixada para a incorporação ás fileiras do Exercito".

emquanto esse Anteu de bronze, agitado por molas de aço, se despenha em cachoeiras, galga chapadões de terras-firmes, transpõe barrancos ingremes de rios, atravessa pantanaes mortiferos, ás vezes doente, quase sempre sem os meios de transporte que lhe assegura a lei, para attender, com dois e tres mezes de viagem accidentada, ao appello da patria, que apenas conhece pelo imposto pago e pelo titulo de eleitor; emquanto o caboclo procede assim, — o outro, ao bafejo enervante da civilisação e ao embalo da fartura, o organisador da «administração e do governo», espalhando "o sentimento da lei e o principio da autoridade" ([1]) esconde-se nos porões das casas, nos confins das fazendas, cuspindo nessa mesma patria, que tudo lhe dá. De onde vem esse contraste revoltante? Da ignorancia? Mas o caboclo destemeroso não sabe lêr: é-lhe o patriotismo uma inspiração instinctiva da terra, mãe generosa e protectora, a que nada pode negar. Sabe apenas que, o logar onde vive, ás vezes em fronteiras distantes, é protegido por uma autoridade, cuja bandeira é alçada á pôpa de retardadas lanchas e motores: essa bandeira, amparada pela lei, ordena o seu comparecimento ás cidades para servir como soldado. O caboclo não discute, abandona interesses e parte. E o seringueiro é, segundo Oliveira Vianna, — "o mais rebelde, o mais indisciplinado, o mais apolitico dos brasileiros". ([2]). Nos demais pontos do paiz, como os que venho de citar, a demagogia e a corrupção arreganham boccas infernaes, deturpam as instituições, confundem a patria, que é permanente, com os governos, que são passageiros, e, conseguem espalhar, com a duvida e a descrença, o impatriotismo e a traição, numa sacrilega semeadura.

Caso se isso repetisse anno por anno, sem um combate efficaz desde agora, que sería de nosso paiz no futuro, mesmo com uma população superior á de toda America do Sul? Combatendo os erros innumeros, principalmente a «aviltação politica", Ruy Barbosa bradava que, persistindo em similhan-

([1]) — Oliveira Vianna — "Pequenos Estudos de Psycologia Social", fl. 137.

([2]) — Idem, idem — 139.

tes processos, «o Brasil não é só um baldio abandonado ás experiencias e avidezas dos aventureiros nacionaes: é uma presa voluntaria, offerecida ás liberalidades e intrigas da absorpção estrangeira». ([1])

Identico pensamento amedrontou Affonso Arinos, quando exlamava em Bello Horizonte: "Occupando a decima quinta parte da superficie solida do planeta, teremos que dar conta deste vasto patrimonio á humanidade. E seremos desapossados delle por uma lei inelutavel de justiça historica, se a nossa incapacidade nos condemnar á fallencia, no governo autonomo de nós mesmos". ([2])

As nossas leis são inspiradas por alto patriotismo e liberdade; exercitemol-as com inflexivel rigor, eduquemos as gerações no respeito de suas emanações, em lucta acerrima contra a inercia e o "arrivismo", que dessoram, desfibram, corroem e putrefazem o povo, amortalhando a raça e a nação.

* * *

Quando se cogitou da suppressão das bandeiras estaduaes,—idéa de Munhoz da Rocha, presidente do Paraná, houve quem dissesse importar a existencia de muitas bandeiras na existencia de muitas patrias e que deveriamos supprimil-as, a bem de nossa unificação. "Em face da historia da nossa formação nacional, não se justifica esse meio de facil desmembramento, que assaltou o espirito do governador paranaense, porque as patrias são idéas em marcha, e, como taes, em sua trajectoria obedecem, por via de regra, á fatalidade do impulso inicial.» ([3]) Fôram esquecidas, nas respostas contrarias e favoraveis á suppressão, todas versando o delicado ponto do desmembramento, os factores basicos, fatalmente necessarios á indole das patrias, a ins-

([1])—Ruy Barbosa—Discurso aos Operarios brasileiros—Março, 1919, no Theatro Lyrico do Rio.

([2])—Affonso Arinos. "Unidade da Patria," pag. 10.

([3])—Mansueto Bernardi. "Bandeiras Estaduaes," Rev. do Inst. Geogr. e Hist. do R. G. do Sul, anno III, pg. 198.

trucção, a justiça, a facilidade de communicações, a religião, o culto do idioma. É secundario que um estado, como uma sociedade juridicamente organisada, arvóre um pavilhão qualquer: esse pedaço de panno, que, a mór parte das vezes, os proprios filhos cultos desconhecem, não influirá nos seus destinos. A bandeira não consolida a autonomia, mas brota dessa autonomia já reconhecida. Cada cidade poderá ter a sua bandeira, como tem o seu escudo, as suas armas, os seus distinctivos. O que separa os homens, como as associações, é a injustiça, é o desrespeito á lei, é o sacrificio de muitos em beneficio de um, é a sophismação dos principios constitucionaes, é a falta de normas centralisadoras, que representam o coração dos regimens republicanos, produzindo o rythmo, o movimento e a vida. Faz-se mister que esse poder centralisador arremesse o sangue, a energia, até os pontos mais distantes, afim de que se não ankilosem, se não entorpeçam, se não tornem indifferentes ao organismo. Para conseguir isso, que é tudo, basta cortar o Brasil, de norte a sul, com estradas de ferro, que se ramifiquem para os lados, pondo em contacto homens do norte e do sul, de este e de oeste. Torna-se intransferivel, no serviço militar, a transplantação das massas humanas, removendo soldados de um estado para outro, afim de que amem e conheçam o seu paiz, nutrindo idéas regionalistas apenas para maior grandeza da patria.

O desacatamento constante ás decisões das minorias, em aberta violação á lei, é outra forma de desvirilisação e relaxamento, porque, na realidade, essa minoria tem existido, quase sempre, como uma ficção para os governantes. Nas eleições, indicam estes os seus candidatos ás claras e, pelós bastidores, mandam votar, pelos processos carnavalescos do rodizio, em mais um candidato governista, que representa a minoria ludibriada.

O falseamento do voto, assegurador dessa minoria, bellissima excepção prevista pela Constituição, na primeira phase da vida da Republica, produz a indifferença e o marasmo. Dahi, a abstinencia nos convenios eleitoraes; dahi,

o desprezo de muitos homens, que se não alistam; dahi, o triumpho obsceno do servilismo; dahi, o desalento com que se fala em eleição em nosso paiz; dahi, a fraude e a fraqueza; dahi, a pasmaceira e o eunuchismo. Quando a republica for verdadeiramente, em algum tempo de homens celestiaes, o governo do povo pelo povo, esse preceito--"é garantida a representação das minorias" — não terá mais razão de ser. Os congressistas legisferaram assim na previsão de que, na fallencia do voto, fosse salvaguardada, na minoria representada por esse processo, a verdadeira expressão da soberania popular. E ha razão: um povo inculto, sem noções de civismo, será facilmente açambarcado pelas facções praticas, núas de idealismo, ou, em caso de completa autonomia, na escolha dos corpos dirigentes, resvalará para a desordem e para o cháos, numa inversão geral de todas as conquistas. Com aquelle postulado, o congresso quiz impedir-lhe a exploração pelos detentores do poder e salval-o da anarchia pela methodisação do voto.

Mas, infelizmente, não se respeitou essa minoria até agora, e estamos cansados de ver diplomas rasgados pelo imperio da occasião, ao arbitrio dos dirigentes. O eleitor, sem persistencia para analyses demoradas, sem estabelecer uma linha divisoria entre dirigentes e governados, recolhe-se ao isolamento, queima o titulo eleitoral, não vota mais, — produzindo o enfraquecimento do regime pela falta de selecção na escolha de seus norteadores

Por essa falta de comprehensão, por essa fuga á formosura da lucta, é que nós temos—cancros minando a unidade do paiz, factos monstruosos e iniquos, revoltantes em sua clamorosa injustiça, taes sejam os imperialismos estaduaes e a immolação dos direitos dos estados menores ou menos populosos áquelles que dispõem de mais prestigio ou raio de influencia. As prerogativas do povo são preteridas, a um simples aceno, a que todas as facções têm de submetter-se, escondendo o seu protesto na inutilidade do commentario reservado. E' preciso ver por que fórma se alastraram essas idéas imperialistas, productoras do regionalismo triumphante

no paiz inteiro. São questiunculas de limites; são leis absurdas, taxando os productos de um estado dentro de outro estado; são golpes violentos nas classes politicamente organisadas, substituindo-lhes os candidatos, com longos periodos de soffrimento e de serviços, por figuras sem vinculos á terra que representam; são o repudio com que, em alguns estados, se recebem filhos de outros estados, como se estivessem praticando um crime, ou se neste immenso paiz, não houvesse logar para todos. Antigamente, só se falava nas differenças entre norte e sul, e alguns sociologos, como o Barão de Cotegipe e Sylvio Romero, sentiam verdadeiro pavor, quando meditavam nas possibilidades de um desmembramento. Essas idéas generalisam-se e já não constituem sacrilegio em quase todos os estados. «Brevemente, o Brasil está de tal modo regionalisado, que, para as nossas provincias não ficarem absolutamente estranhas umas ás outras, é preciso um grande esforço no sentido de fortificar a unidade moral da patria". ([1]) A fortificação desse pensamento, que Affonso Arinos, conhecedor dos sertões e costumes brasileiros, versado em historia e sociologia, reclamava em altas vozes, está na lei, na instrucção, sem aquelles pontos injustos, que acabei de citar. E' necessario dar ao povo a confiança em si mesmo, a certeza de que a sua vontade será respeitada. Referindo-se á desnacionalisação, aquelle escriptor ouvia a patria supplicante: —

> "eu tenho literatos e não tenho literatura; eu tenho professores e não tenho ensino; eu tenho juizes e não tenho justiça; eu tenho soldados e marinheiros, e não tenho exercito nem marinha; eu tenho homens de estado e preciso de governo; eu tenho um grande territorio e não sou ainda uma nação". ([2])

E, apoiando-se a esses conceitos, talvez exaggerados, pensava o orador que, para completa modificação, havia

([1])—Affonso Arinos. "A Unidade da Patria', pag. 12.
([2])—Idem, pags. 31-32.

mister a unidade moral da patria. As mesmas idéas escorreram, escachoantes de patriotismo, dos labios de Olavo Bilac em discurso no Club Militar: "O que me aterra é a possibilidade do desmembramento. Amedronta-me este espectaculo; este immenso territorio, povoado por mais de vinte e cinco milhões de homens, que não são continuamente ligados por intensas correntes de apoio e de accordo, pelo mesmo ideal, pela educação civica, pela cohesão militar; conflictos ridiculos sobre fronteiras, dentro da integridade da patria, explorados pela rethorica, envenenados pelo fanatismo, originando guerras fratricidas; a desigualdade entre estados irmãos, desirmanados pela differença das fortunas e das prendas, — estes ricos e felizes, prosperando e brilhando, desenvolvendo o seu trabalho e a sua instrucção, e aquelles pobres, sem ventura, sem pão, sem ordem, sem escolas, assolados pelos flagellos da natureza ou talados pelos desmandos da governação; e descontentamentos, e rivalidades, e indifferença, desamôr, falta de unidade... Este é o meu terror. Porque sem unidade não ha patria". (1)

Esses escriptores expressaram-se por essa fórma em 1915 e 1917, alguns annos após o grito de Sylvio Roméro. Em 1913, a Viveiros de Castro, Ministro do Supremo Tribunal Federal, não escaparam os pontos alarmantes do syndroma sacrilego, quando combateu o egoismo, de que brotam as "funestissimas idéas néo-malthusianas", a exploração do operariado, as exigencias deste, a cobardia dos homens que fogem ao dever do voto, querendo manter neutralidade num assumpto em que estão em jogo os interesses do paiz.

"A unidade da Patria é, mercê de Deus, um dogma intangivel. Pregar a separação se nos afigura um crime tão horrivel como o de incitar um individuo a praticar um matricidio". (2)

Certo, ninguem pregará a separação abruptamente, como ninguem poderá negar que se fala sem protestos nesse

(1)—Olavo Bilac.—"Ultimas Conferencias e Dircursos", pags. 133-234.

(2)—Viveiros de Castro. — "Discursos (Liga da Defeza Nacional)" pag. 13.

assumpto imperdoavel, com satisfacção immensa de visinhos invejosos, que sonham a hegemonia no continente antarctico pela inutilisação do Brasil em republiquetas desvitalisadas.

Laudelino Freire, tratando de questões philologicas, cita a phrase de um estadista argentino: "Na dissolução do Brasil está a solução do problema sul-americano." Só se daria essa dissolução pelo desmembramento, o que se impedirá formando o espirito nacional do povo, numa synergia incessante em que tomem parte todos os brasileiros. "Força é não desfitemos a vista de tudo quanto possa concorrer para fortalecer, vigorar e tornar cohesa, robusta, indissoluvel e insuperavel a unidade nacional, como expressão inequivoca e soberana de uma consciencia nacional, de uma cultura nacional, de uma politica nacional, de uma industria nacional, de um commercio nacional, de uma imprensa nacional e de uma lingua nacional". ([1])

Essa idéa tremenda, que atemorisou homens da penetrante visada de Cotegipe, foi recebida, a braços abertos, pelos positivistas de 1889, quando, na discussão da Constituição da Republica, tentaram "supprimir as palavras — "união perpetua e indissoluvel" — por entender Augusto Comte que as patrias verdadeiramente livres não podem compor-se de mais de um a tres milhões de habitantes, na proporção de 60 por kilometro quadrado". ([2])

Os positivistas advogaram a substituição daquellas palavras pelo lemma — "união livre das provincias", — de modo a garantir-lhes, para o futuro, a independencia e a separação. Essa attitude impatriotica foi criticada, successivamente, por Demetrio Ribeiro, (Representação ao Congresso, em 1890), Agenor de Roure, («Constituinte Republicana»), João Barbalho, («Commentarios á Constituição»), Carlos Maximiliano, («Commentarios á Constituição Brasileira») e outros. ([3])

([1])—Laudelino Freire.—"Discursos", pag. 122.

([2])—Mansueto Bernardi.—Op. citada, pag. 183

([3])—Mansueto Bernardi—Op. citada, pags. 183-184.

Ás leis, no Brasil, são liberaes; não sei, entretanto, se o liberalismo chega ao ponto e á audacia de permittir que uma seita qualquer sustente, á sombra da Bandeira, o desmembramento e a desmoralisação da patria. O positivismo, que possue incontestavelmente bôa doutrina sob o ponto de vista moral, resente-se desse grave erro, desse verdadeiro crime. Em uma das ultimas publicações do Apostolado Positivista («Monumento a Benjamin Constant», publicação n.º 8 do anno 71—137—1925), encontrei, a paginas 19, o seguinte:—«Hymno Brasileiro.—Tentativa Positivista recordando estheticamente a evolução com que o ramo brasileiro, do galho portuguez do occidental elemento iberico, vai contribuindo para o advento das matrias, ou pequenas patrias, unicas verdadeiramente livres, destinadas a constituir definitivamente a humanidade». Adeante, ha alguns versos intragaveis, em que se profana o Hymno do Brasil com palavras de separatismo.

Estou para conhecer propaganda tão forte, ás escancaras, contra a unidade da patria.

Felizmente, a seita impera em reduzido numero de proselytos, e pela transcendencia de suas disposições, não tem o menor prestigio entre os elementos populares.

Quanto ás idéas separatistas, aliás em grupos de nenhuma significação politica e social, tomo accaso um jornal apparecido no Pará, cujo expressivo titulo—«O Norte Unido»—é bastante para definir o seu programma.

Em Pernambuco, em dias deste anno, foi lançado o separatismo no Congresso do Nordeste, reunido no Recife, sob fundamento de ingratidão do sul para com o norte, sacrificado ás ambições do primeiro.

No Rio Grande do Sul, "houve, ainda em Janeiro deste anno, um grito separatista, partido da *Liga Civica*, em cuja presidencia ha varios militares. Surgiu mesmo um diario—"O Separatista", que "pregou abertamente a separação do Estado em linguagem de fogo, sendo que o proprietario-redactor do referido jornal sempre foi premiado pelo governo do

Estado com toda a sorte de sinecuras.". ([1]) Verberando essa attitude impatriotica, o parlamentar gaucho Antunes Maciel escreveu:

"— O Rio Grande é o unico Estado que possue uma Secretaria do Interior e Exterior — anomalia que já referi, da tribuna da Camara, e facil de verificar até nos carimbos respectivos, papel de expediente, etc.

— O Rio Grande é dos raros Estados cuja Constituição exige, para seu Presidente, a qualidade de rio-grandense nato— outra anomalia que importa na seguinte inconsequencia: qualquer natural do paiz, maior de 35 annos e no exercicio dos direitos politicos, poderá candidatar-se á Presidencia da Republica, que é o todo, mas não poderá candidatar-se á do Rio Grande, que é uma parte. Esse absurdo é tambem consagrado na Constituição do Pará. Que se exija—para ser elegivel — a residencia, que presume conhecimento das necessidades particulares da terra a administrar—vá. . . mas que, além della, se exija o requisito do nascimento, positivamente não é brasileiro.

—O governo do Rio Grande assistiu com tolerancia á propaganda separatista, aberta em linguagem de fogo, em Santa Maria, pelo jornal "O Separatista", contra o qual chegou a dar queixa o saudoso General Tito Villalobos, então naquella guarnição." ([2])

Lemos as seguintes palavras em Borges de Medeiros, fallando na qualidade de presidente do Estado:--"Eu saberei continuar a servir a grande patria, com a mesma fé e com o mesmo ardor com que a tenho servido até agora.

Quanto ao Rio Grande do Sul, este não deve inquietar-se, porque já se habituou, de longa data, a tratar e a viver "per se". Por isso, si fôr necessario isolar-se na sua modesta autonomia e na fatalidade historica e geographica que lhe assignala o seu territorio, localisado neste extremo meri-

---

([1])—Moção da « Alliança Libertadora de Santa Maria », R. G. do Sul — « A Noite », 23-1-1926.

([2])—Deputado Antunes Maciel— « A Noite », Rio, 23-1-1926.

dional, nada o fará sahir da linha em que se tem mantido até hoje.» ([1])

Um representante da nova geração gaucha, Mansueto Bernardi, sonha, estudando as bandeiras estaduaes: "Não somos um povo submettido, que anceie por libertar-se do dominio da União. Antes pelo contrario. Grande parte do territorio riograndense foi conquistado e incorporado á patria commum, graças ás patas dos cavallos e ás armas riograndenses.

E nenhum favor especial jamais reclamariamos em troca dessa offerenda, que tanto sangue custou, pois sempre nos foi compensação moral bastante ao ver todas essas lindas searas e coxilhas limpas de castelhanos e definitivamente integradas ao patrimonio geral." ([2])

Vejamos São Paulo. Cincinato Braga, um dos mais gloriosos paulistas vivos, publica os "Magnos Problemas Economicos de São Paulo», occupando-se em comparar esse Estado com todas as nações do mundo, entre as quaes, num grupo de 49, conquistou o 26.º logar. Seu commercio é superior a 28 nações, incluindo Chile, Hespanha, Mexico e Portugal.

Tratando da moeda, assevera o illustre financista que São Paulo poderia estar desfructando circulação metallica, porque "ha mais de trinta annos que o povo paulista, em troca de sua exportação, recebe ouro em proporções muitas vezes menor.» Soffre "patrioticamente o influxo da moeda má da União, diz o financista: sobre 800 mil contos que no minimo circulam presentemente em São Paulo, nosso prejuizo em differença de cambio está sendo de setecentos e cincoenta mil contos.» ([3])

Ora, em fins de 1925, a Associação Commercial de São Paulo desmente as affirmativas de Cincinato Braga,

---

([1]) – "A Federação». Porto Alegre—Editorial, 18 de Janeiro de 1926.

([2]) – Mansueto Bernardi, Op. citada., pag. 206.

([3]) – Cincinato Braga – "Magnos Problemas Economicos de São Paulo", pags. 15, 20 e 22.

quanto á circulação metallica, em longo memorial ao presidente Arthur Bernardes, protestando contra a " politica desinflacionista", seguida pelo Banco do Brasil, que incinerou, visando a valorisação da moeda, 42.000 contos no primeiro semestre daquelle anno, promettendo uma cifra de 300.000 durante um anno inteiro. Como protestar contra a «moeda má» da União?

Que significa essa amarga queixa do Estado—padrão, cujo ultimo orçamento consigna 342:700:000$000 de renda, e dispende 45.000 contos para manter uma força policial de 14.254 homens? E', realmente, uma " nação dentro da nação", mas com o proteccionismo que o paiz presta ás suas menores pretenções, de accôrdo com o seu valor mental e economico, são injustos aquelles commentarios.

Poderia transcrever outros documentos, que não pregam o desmembramento, mas têm a idéa do innominavel sacrilegio. Bastam esses, tirados a circumscripções, onde se déram grandes acontecimentos historicos e que marcham á vanguarda em nosso paiz. Imagine-se que aconteceria, se soffressem as injuncções continuas que se praticam em estados pequenos, desrespeitando-lhes os direitos e elaborando actos desaconselhados pela patria.

São idéas embryonarias, sim, mas hão-de crescer com os dias, formando opinião. Esses homens, que venho de citar, desejam o desmembramento, chamam a attenção dos governantes para as suas consequencias funestas, mas encaram o assumpto sem graves cuidados. E, entretanto, deve ser combatido a ferro e fogo, em bem geral do paiz, pela união, pela educação civica, pela justiça, sem linhas separatistas entre brasileiros, a começar pela infancia. Que sabemos nós do Pará, que relações temos com os nossos visinhos, que intercambio realisamos além do protocollo official e dos aviamentos commerciaes? Nenhum. Assim, pelos demais Estados. O Brasil, com cem annos de independencia e sem uma ferrovia que ligue o norte ao sul, lembra um corpo sem espinha dorsal, bambo e molle nos momentos de dispendio e acção.

"Infructiferos têm sido os trabalhos da União no sentido de, com os seus propositos unificadores, chamar o poderoso bando escoteiro do Estado de São Paulo para o seu seio". ([1])

O *hinterland*, onde trabalha a grande população productora é desprezado, emquanto a zona maritima sempre merece todo o carinho dos governantes. " Desprezar essa sementeira farta do caboclo nos planaltos, creando novos caminhos, para augmentar a fortuna e as posses da gente misturada, egoista e incolor da faixa litoranea, é deservir clamorosamente ao mais imperioso dever patriotico". ([2])

A mudança da capital para o centro é outra questão basica, afim de que possa irradiar a potencialidade necessaria á vida nacional.

É uma obra de previsão e de civismo amparar a população pelo ensino, pela hygiene, pela facilitação de transportes, porque, assim procedendo, apenas pagamos, em dóses minimas, uma divida avultada.

Em contrario, teremos o descalabro. Podemos corrigir tanto desleixo, fazendo o brasileiro a querer a sua terra por um amor nobre, interessado, nacional, em que se conjuguem todas as realidades e todos os idealismos. E como? É Olavo Bilac quem nos responde: "O programma está assentado, e é simples e velho: a educação civica, firmando-se em instrucção primaria, profissional e militar. Mas não esqueçamos que de ensino devem ser dignos os professores. A educação civica, devemos ser os primeiros a aprendel-a, medital-a e protegel-a. Melhoremo-nos, antes de melhorar o povo... Regeneremo-nos, e voltemos ao culto civico. Amemos o Brasil, nós que o dirigimos. E, aperfeiçoados, vamos ao encontro do povo, e aperfeiçoemol-o. O povo possue energias e virtudes mais fórtes e mais puras do que as nossas: o que cumpre é estimulal-as, é extrahil-as, como se extrahem os metaes da ganga nativa". ([3])

([1]) – "A Noite" — Rio. "O Escoteirismo no Brasil" — 28 – Nov. – 1925.
([2]) — Felix Pacheco – "O Brasil um só", pag. 9.
([3]) — Olavo Bilac. — "Ultimas Conferencias e Discursos", pag. 136.

***

" O verdadeiro problema da America não é destruir, e sim crear realmente as nacionalidades em seus fundamentos economicos, diplomaticos e culturaes, emancipando as patrias jovens de sujeições e protecções doentias, coordenando-lhes com superioridade a acção, para que possam ter amanhã uma voz propria e uma attitude independente nos debates do mundo». [1] Assim falam os escriptores argentinos, educando o seu povo, com o pensamento fixo na grandeza nacional. No Brasil, a lucta deve caracterisar-se por essa fórma—crear a nacionalidade, nacionalisar o povo, demonstrar que, sómente pela união e pela força, pela instrucção e pela justiça, as nações progridem e se impõem ao respeito do mundo. Toda injustiça produz o enfraquecimento e a revolta: os proprios filhos, irmanados pelo sangue, abandonam os lares, se lhes infligem castigos desnaturados os rigores paternos.

A patria é simplesmente uma grande sociedade, uma grande familia, e não se póde estabelecer harmonia entre elementos, a que, nascidos á luz do mesmo céu, está reservada sorte diversa—uns bafejados por todas as prerogativas, outros sem direito á menor pretenção.

É inadmissivel, entretanto, que, por desavenças internas, sejamos obrigados a appellar para erros extremos, derribando alicerces quatriseculares de luctas.

Nunca jamais o Brasil attingirá a sua missão na terra atassalhado por idéas de *pequenas patrias,* como pregôam os positivistas, ou republiquetas sem expressão internacional. É difficil acreditar que se isso realise, não só pelo patriotismo do povo como pelas condições economicas dos Estados, que desaconselham essa infeliz lembrança. Mas importa num crime, num indice de impatriotismo, o só falar ou escrever sobre essa irritante questão, a que se é arrastado por dever, maxime quando constitue, como agora, uma ques-

---

[1]—Manuel Ugarte,—"La Patría Grande", pag. 248.

tão discutida nos jornaes da propria capital do paiz. De uma ou de outra fórma, pensamento de descontentes ou sectaristas, que põem os desprazeres intimos acima dos problemas geraes, é uma necessidade combater o morbus impenitente. O idioma, a religião, a historia representam as forças invisiveis que impedem qualquer idéa de desmembramento, auxiliadas praticamente pelas estradas de ferro, pelos mesmos interesses, pelo sorteio militar, pela collocação das massas imigratorias nas varias zonas do paiz para a unidade do typo ethnico, sem as tendencias, que se hoje verificam claramente, de homens com ambições que variam com o pigmento e a estatura.

Nacionalisando-se o povo, com a instrucção e a justiça, salvaguardados todos os direitos do estrangeiro; destruindo-se os imperialismos estaduaes, pelo respeito á autonomia politica e economica dos estados; combatendo-se o analphabetismo, pela instrucção escolar, por estradas de ferro, por hygiene em todo o territorio; ensinando a praticar e a cultuar a justiça, rarissima flôr que só tem um germinadouro — o caracter, teremos trabalhado conscientemente pela unidade nacional. Mas, emquanto falharem dados para esse suavissimo ideal, cabe ao humilde semeador, na marcha escura em que vae semeando luz, corrigir as gerações novas, modelar as futuras mães e cidadãos, cernar o cardo e as urzes ás estradas, num immenso e permanente devotamento á terra-mater, a lições de belleza, de bondade e de força, requisitos exigiveis para os bons e para os capazes. Creando as cathedras da Instrucção Moral e Civica, o Brasil ergueu púlpitos destinados a uma nova religião: pregar os seus mandamentos é dever indeclinavel de todo o que, alcansando algumas dessas tribunas, conquistou o direito de falar em nome do passado, o dom de pedir em nome da raça e o premio de rezar em nome da patria...

PROPOSIÇÕES

I

A Instrucção Moral e Civica suppre, nos paizes novos, a força que a tradição empresta aos paizes velhos, e modela a sociedade como a educação a familia.

II

O mêdo, condemnado pela moral como repugnante manifestação de cobardia, é um grande auxiliar da propria moral, obrigando o individuo á pratica de muitos actos nobres e raros.

III

A moral permittiu, e permitte, de seculo para seculo e povo para povo, a pratica de costumes, que, hoje, constituem crimes; os pontos essenciaes do civismo têm sido mais ou menos os mesmos nas diversas epocas.

I—A sociedade perdôa o violador e o deshonesto, recebendo-o devidamente rehabilitado; jámais reabre as portas ao trahidor e ao cobarde, porque, nesse caso, proclamaria a propria fallencia.

II—A separação necessaria entre a igreja e o estado não veda ao sacerdote digno desse nome. que penetra mais

facilmente nas classes ruraes, pregar, nos sermões, deveres civicos ao povo.

III — A concentração multisecular de compactas massas migratorias, com tendencias profissionaes, religiosas e linguisticas diversas em differentes regiões — italianos em São Paulo, allemães no Rio Grande do Sul, japonezes no Estado do Rio de Janeiro, redunda num erro ethnico e num attentado á unidade do paiz.